

Amor atravessado pela pulsão de morte¹

Cleudes Maria Slongo

A demanda de amor desempenha um papel incomparável ao papel do homem na vida de uma mulher. Apesar da satisfação que pode extrair de suas conquistas profissionais, a mulher ainda centraliza no campo da parceria amorosa a condição para alojar os excessos de seu gozo.

Trata-se de uma demanda que incide sobre o ser do parceiro, e que comporta um caráter absoluto e uma visada ao infinito, pelo fato de que nela o Todo não está formado, o Todo não faz Um. Pode uma análise, levada a termo, franquear a saída da devastação no amor - paixão maior feminina? Qual é a posição que cabe ao parceiro-analista na transferência com a histérica, quando ela ainda se acha decidida por sua neurose? Estas são as questões centrais deste artigo que discorre sobre a relação da mulher com o amor e com o gozo.

Parceiro-sintoma e parceiro-devastação

Para a psicanálise de orientação lacaniana, o amor implica que o laço com o Outro nunca é estabelecido diretamente. Ele é sempre mediado pelo sintoma. O sintoma é o verdadeiro fundamento do casal. Eis porque Lacan, no *Seminário 20*, define o amor como "o encontro, no parceiro, dos sintomas, dos afetos, de tudo o que em cada um marca o traço do seu exílio da relação sexual"².

A fórmula lacaniana: "não há relação sexual" quer dizer que o sujeito como ser sexuado faz parceria, não no nível do significante puro, mas no nível do gozo, e essa ligação é sempre sintomática. O sintoma faz suplência - é a

metáfora - da não relação sexual. "Inscreve-se no lugar do que se expressa como falha do parceiro sexual"³.

Nisso se fundamenta a invenção de Lacan do sintagma parceiro-sintoma, que Miller trabalha em seu curso da Orientação Lacaniana de 1998-1999, elevando-o à categoria de noção fundamental. A conversão de perspectiva proposta por Miller comporta dizer que o significante não apenas mortifica o corpo e libera o mais-de-gozar, mas também, que ele determina o regime de gozo do *falasser*, ou seja, o modo como ele se serve do Outro para gozar.

Com efeito, se o sintoma é um parceiro de gozo, do lado masculino ele toma a forma de fetiche, de traço perverso. A mulher-sintoma é a parceira que consente que "o homem faça amor com seu inconsciente"⁴, funcionando como um Nome-do-Pai que circunscreve seu gozo fálico num corpo que faz Um, que forma o Todo.

Distinto é o que se passa do lado feminino. Em função da estrutura do *nãotodo*, o parceiro-sintoma da mulher toma a forma de parceiro-devastação. A mulher se dirige ao homem pelo imperativo de que ele a ame incondicionalmente; que diga o significante de seu ser, que a faria, enfim, toda - o que retorna a ela como devastação, pois a coloca em relação ao Outro faltoso. É nesse ponto que a vertente feminina do amor assume um caráter erotomaníaco.

Miller propõe a distinção entre sintoma e devastação. O sintoma comporta algo de localizado, algo de elementar. Podemos contabilizá-lo, classificá-lo. Já a devastação é como "uma pilhagem que se estende a tudo, que não termina, que não conhece limites, e é em função dessa estrutura que um homem pode ser o parceiro-devastação de uma mulher, para o melhor e para o pior"⁵.

O gozo feminino e a pulsão de morte

Na clínica psicanalítica recolhemos testemunhos das mais variadas manifestações do gozo feminino, podendo oscilar entre a mais leve desorientação até a angústia profunda, com todos os graus de aflição e extravio. Pode se apresentar como um estado de êxtase ou arrebatamento; como uma dor psíquica ligada a um afeto de não ser, de ser nada, com momentos de ausência de si mesmo, que se traduz por uma sensação de incompletude radical. A essa falta de consistência pode se somar um sentimento de fragmentação corporal que pode estender-se a ponto de indagar o diagnóstico diferencial e fazer pensar numa psicose⁶.

Por seu caráter absoluto e sua visada ao infinito, o gozo feminino pode ser vinculado à noção de supereu, e, por conseguinte, de pulsão de morte. O termo "absoluto", em grego, *apolelumenon*, significa: sem laço, que não depende de nada, incondicional, que não respeita nenhum limite. É um "quero isso, o exijo, e ponto final!". Implica disjunção com respeito à dialética e, portanto, à lógica do significante. Aqui a vontade não é o desejo. A vontade é a pulsão, é o gozo. A histérica responde a esse absoluto sob a forma de um desejo insatisfeito. Ao subtrair-se do gozo fálico, promove ao infinito o gozo absoluto. Com isto ela sustenta a consistência do Outro com o gozo da privação⁷.

Esse empuxo à pulsão de morte ao qual o gozo feminino se acha exposto, deve-se ao fato de ele não estar totalmente inscrito na função fálica. A dita inclinação costuma se manifestar com maior intensidade quando os tão esperados signos de amor ou de desejo, não se acham presentes⁸.

O amor, loucura do feminino

Em "Televisão", Lacan faz a proposição de que "toda mulher é louca". E acrescenta: "não há limites às concessões que cada uma faz para um homem: de seu corpo,

sua alma, seus bens"⁹. O que justifica tamanho deslumbramento que conduz uma mulher a "explorar uma zona desconhecida, ultrapassar os limites, explorar uma região sem marcas, mais além das fronteiras?"¹⁰.

A tragédia de Medeia, elevada por Lacan ao estatuto de "verdadeira mulher", é tomada por Miller para dizer que "o único que realmente importa a essa mulher é o amor"¹¹. Ao ser abandonada por Jasão, ela não recua diante de nada: mata não apenas a rival, mas seus próprios filhos, ela sacrifica o que tem de mais precioso. Nesse ato irremediável, a mulher se separa da mãe e denuncia o caráter fora da lei do gozo que a ultrapassa. Gozo este que até então se achava mediado pelo amor e que, sem ele, se revela em todos os seus excessos.

Com efeito, para as mulheres, o amor tecido em seu gozo, constitui uma verdadeira paixão. Amar com paixão é amar loucamente, perdidamente, e de forma exclusiva. A razão e a lucidez não entram em questão. Ao contrário de grande parte dos homens, a mulher precisa de amor para gozar e que ele seja manifestado em palavras.

O problema é que a maioria das mulheres quando se enamora exige que o homem seja tudo para elas, assim como elas o são para ele. Quando o amor é correspondido pode produzir na mulher uma exaltação narcísica, uma felicidade suprema, devido à exagerada idealização do Outro. Porém, quando esse amor não é retribuído pode provocar um sofrimento extremo sob a forma de angústia, de fúria e de rebaixamento de si mesma. "Fazer do Outro um absoluto é correlativo da própria abolição subjetiva"¹²; é uma forma de suicídio.

É possível apreciar na clínica do feminino, os diferentes recursos utilizados pelas mulheres para proteger-se da devastação no amor: desde a renúncia a todo e qualquer encontro sexual, passando pela escolha de um

amante sem atributos fálicos, até o rompimento do romance quando este atinge um ponto insustentável.

O amor-devastação atravessado pela pulsão de morte e, portanto, sem limites, liga-se à dificuldade que as mulheres têm de barrar o Outro. É um apelo ao Outro, "uma exigência ao Todo, que repousa sobre o sentimento de não ser nada. O sentimento de não ser nada sempre oculta "um delírio de grandeza de que o Outro o é Todo"¹³.

Posição do analista na saída da devastação

A posição do analista frente ao apelo superegoico feminino: "seja tudo para mim como eu sou para ti", deve ser a de recordar-lhe que não existe o significante que nomeie o gozo feminino e que lhe garanta seu ser. "O que há que restaurar é a relação com $S(A)$; a relação com a inconsistência, com o indemonstrável, com o indizível, com a incompletude do Outro"¹⁴. Oferecer tudo o que tem para ser tudo para um homem é uma solução equivocada para a mulher, posto que responde à lógica do Todo onde há um recobrimento entre a falta e o todo. Éric Laurent, referido por Goldman¹⁵, ressalta que a verdadeira solução para a posição feminina não consiste em enfrentar-se ao "todos", senão em "ser Outro para um homem".

Poder assumir a posição *nãotoda* implica que a mulher consinta com o gozo fálico, que possa se servir do falo como de um semblante atrás do qual oculta o gozo Outro.

A saída da devastação requer que a histérica esteja advertida de que o Outro não existe para que cesse sua demanda ilimitada de signos de amor. Na mesma proporção em que o Outro se desvanece, a demanda também tende a desaparecer. Contudo, "quando o Outro deixa de existir e se revela sendo um buraco, o gozo pode mostrar-se com toda a intensidade como um último intento desesperado de sustentar este Outro que já está empalidecendo"¹⁶.

Considerando que "a relação ao limite para a mulher é contingente e depende do amor, da certeza do amor que vem fixar a deriva pulsional, no laço heterossexual, o homem eleito é tomado em uma forma erotomaniaca de amor [...]. O laço erotomaniaco, na certeza do amor compartilhado, se não é totalmente delirante, detém, fixa a mulher em uma relação vital"¹⁷. Contudo, isto somente é possível se ela consentir em se separar do gozo empenhado em assegurar a consistência do Outro. Apenas deste modo a mulher poderá viver um amor possível de ser vivido, um amor que lhe permita uma saída e uma forma de localizar o ilimitado de seu gozo.

¹ Versão ampliada do trabalho apresentado no V ENAPOL, ocorrido no Rio de Janeiro, nos dias 11 e 12 de junho de 2011.

² LACAN, J. (1985[1972-1973]). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 198.

³ MILLER, J.-A. (2000). "A teoria do parceiro". In: *Os circuitos do desejo na vida e na análise*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, p. 171.

⁴ LACAN, J. (2007[1975-1976]). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 123.

⁵ MILLER, J.-A. (1998). *O osso de uma análise*. Salvador: Biblioteca Agente, p. 101.

⁶ Idem. (1994[1992]). "De mulheres e semblantes". In: *Cadernos Del Pasador*. Buenos Aires: ABRN Producciones Gráficas, p. 89.

⁷ DURAND, I. (2008). *El superyó, femenino. Las afinidades entre el superyó y el goce femenino*. Buenos Aires: Tres Haches, pp. 97-98.

⁸ LAURENT, D. (2005). "El responso del partenaire". In: *El analista mujer*. Buenos Aires: Tres Haches, p. 18.

⁹ LACAN, J. (1993[1974]). *Televisão*. Paris: Seuil, p. 7.

¹⁰ MILLER, J.-A. (1994[1992]). Op. cit., p. 93.

¹¹ Idem. "Uma partilha sexual". In: *Clique - Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano* (2). Belo Horizonte: Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, p. 166.

¹² DURAND, I. (2008). Op. cit., p. 85.

¹³ Idem. *Ibidem*.

¹⁴ GOLDMAN, R. (2008). "De la lógica del todo al no-todo. Posición del analista frente a los vasallages de la surmoité". In: *De astúcias y estragos femeninos*. Buenos Aires: Grama Ediciones, p. 100.

¹⁵ Idem. *Ibidem*.

¹⁶ DURAND, I. (2008). Op. cit., p. 108.

¹⁷ LAURENT, D. (2005). Op. cit., p. 18.